

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima página da capa.

CHRONICA DOS SALÕES.



Quem diria que o mez de agosto, nos havia de dar tão bellos dias e encantadoras noites, passados entre tantas festas e bailes, entre funcções sempre animadas e *soirées* brilhantes; e que ao findar a sua carreira nos deixaria tantas saudades e tão doces recordações?!

O mez de agosto tem sido um delicioso passatempo; suas doces horas de prazer hão sido fruidas com o embriagador enlevo de uma ventura constante. Os nossos salões têm tido uma vida de verdadeiro encanto, porque o mundo elegante nelles ha gozado venturas e felleidade, prazeres e gozos que a imaginação perde-se na recordação! Uma doce nota de harmonia, que se desprende de uns labios encantadores, ainda acha echo em mais de um coração! O correr da doudejante valsa estreitando o aquecido peito de uma virgem encantada dos alegres e rapidos sons da orchestra, ainda produz sensações as mais bellas, quando a imaginação acha ventura em recordala. E um passeio, respirando-se perfumes, trocando-se palavras fascinadoras, vivendo-se n'um cêo de felicidades imaginadas?!

E aquelle que ama os nossos salões, que vive essa vida toda de encantos, embriagadora e animada, hade por força sentir saudades deste bello mez que vai findar-se, porque todo elle foi passado com maravilhosa novidade e movimento; no meio sempre dos mais bellos e brilhantes

passatempos gozados pelo nosso mundo elegante.

As semanas succederão-se umas apóz outras, sempre variadãs nos seus bellos dias e lindissimas noites; e a vossa Francina, queridas leitoras, tem acompanhado todo esse movimento elegante do mundo *fashionable*, porque ella estreita-se ao circulo do *bon tom*, para gozar o bello, o brilhante, e o seductor.

Na presente semana o *Cassino Fluminense* veio metigar as recordações dos bailes anteriores e occupar todas as atenções, servindo de agradável thema ás elegantes conversações. Dizer-se que o baile de segunda-feira esteve animado e concorrido, e que por consequencia a reunião foi brilhante, é o mesmo que repetir que a nossa formosa bahia Guanabara é bella, e linda a fascinar a imaginação. O baile do *Cassino* é o primeiro baile da nossa elegante sociedade, e as suas reuniões, tão suspiradas sempre, são bellas e animadas, elegantes e lindas. As nossas bellas ali ostentão sempre os seus encantos, e com aprimorado bom gosto, apresentão os mais lindos *toilettes*. Desta vez forão elles tantos, tão formosos e tão ricos, que se tornárão notaveis, muito mais, depois de uma successão de bailes, e quasi todos elles de primeira ordem, em que as nossas amaveis e elegantes senhoras, tanto se distinguirão nos seus encantadores enfeites de

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima página da capa.

CHRONICA DOS SALÕES.



Quem diria que o mez de agosto, nos havia de dar tão bellos dias e encantadoras noites, passados entre tantas festas e bailes, entre funcções sempre animadas e *soirées* brilhantes; e que ao findar a sua carreira nos deixaria tantas saudades e tão doces recordações?!

O mez de agosto tem sido um delicioso passatempo; suas doces horas de prazer hão sido fruidas com o embriagador enlevo de uma ventura constante. Os nossos salões têm tido uma vida de verdadeiro encanto, porque o mundo elegante nelles ha gozado venturas e felicidade: prazeres e gozos que a imaginação perde-se na recordação! Uma doce nota de harmonia, que se desprendeu de uns labios encantadores, ainda acha echo em mais de um coração! O correr da doudéjante valsa estreitando o aquecido peito de uma virgem encantada dos alegres e rapidos sons da orchestra, ainda produz sensações as mais bellas, quando a imaginação acha ventura em recordalla. E um passeio, respirando-se perfumes, trocando-se palavras fascinadoras, vivendo-se n'um céu de felicidades imaginadas?!

E aquelle que ama os nossos salões, que vive essa vida toda de encantos, embriagadora e animada, hade por força sentir saudades deste bello mez que vai findar-se, porque todo elle foi passado com maravilhosa novidade e movimento, no meio sempre dos mais bellos e brilhantes

passatempos gozados pelo nosso mundo elegante.

As semanas succederão-se umas apóz outras, sempre variadas nos seus bellos dias e lindissimas noites; e a vossa Francina, queridas leitoras, tem acompanhado todo esse movimento elegante do mundo *fashionable*, porque ella estreita-se ao circulo do *bom tom*, para gozar o bello, o brilhante, e o séductor.

Na presente semana o *Cassino Fluminense* veio metigar as recordações dos bailes anteriores e occupar todas as attentões, servindo de agradável thema ás elegantes conversações. Dizer-se que o baile de segunda-leira esteve animado e concorrido, e que por consequencia a reunião foi brilhante, é o mesmo que repetir que a nossa formosa bahia Guanabara é bella, e linda a fascinar a imaginação. O baile do *Cassino* é o primeiro baile da nossa elegante sociedade, e as suas reuniões, tão suspiradas sempre, são bellas e animadas, elegantes e lindas. As nossas bellas ali ostentão sempre os seus encantos, e com aprimorado bom gosto, apresentam os mais lindos *toilettes*. Desta vez forão elles tantos, tão formosos e tão ricos, que se tornarão notaveis, muito mais, depois de uma successão de bailes, e quasi todos elles de primeira ordem, em que as nossas amaveis e elegantes senhoras, tanto se distinguirão nos seus encantadores enfeites de

toilette, e na escolha de seus lindos e ricos vestidos.

No sabbado a sociedade *Vestal* deu tambem o seu baile mensal, concorrido por duzentas e trinta e seis senhoras, e duzentos e cincoenta cavalheiros; esteve completa a reuniao, e gozou-se uma deliciosa noite. A *Vestal* remontou-se de novo as suas noites de gloria de outr'ora, e hoje é uma pequena mas interessante *Philharmonica* que promette um lindo futuro, graças ao esmero do seu digno Presidente e mais membros da Directoria.

A parte harmonica do baile foi por denais deliciosa e encantadora. Cantarão as Exms. Sras. filhas do Sr. Barão de Cayrú, e do Exm. Sr. José Maria Corrêa de Sá, e as sobrinhas do Sr. Dr. Noronha Feital. O insigne artista o Sr. Francejino esteve insigne na sua rabeca. Os concertos de piano e frauta e o de harmonica, foram executados perfeitissimamente. Mas o que se tornou notavel, foram as jovens filhas do Sr. Leite Bastos, e tenente-coronel Albuquerque: executarão ao piano difficéis peças com a maior perfeição, gosto e arte.

A reuniao de tantas moças bellas e formosas compunha um *bouquet* de tão lindas flores, que difficil se tornava a sua escolha. Tinha contudo tanto gosto e riqueza em dous *toilettes*, que seria injusticia não elogiá-las. O primeiro era de lilo azul bordado de branco, com rendas valencianas. O segundo, de esemilha cor de canario, tambem bordado, com uma guarnição de lindas e pequenas flores. As duas senhoras que assim trajavam mereciam as honras do salão; mas nem por isso podião ser esquecidas — a mimosa da *toilette* de seda escura de quadrinhos, a elegante moreninha, as duas irmãs de caixinhos, toucadas de azul, e muitas outras, mimosas e encantadoras, a fascinarem a alma nos enlexos da imaginação!

Tambem a *Phil' Euterpe* deu a sua reuniao de recreio, concorrida e animada, deliciosa e encantadora: não faltarão os deliciosos attractivos dessa bella reuniao de canto e baile.

E um dos dias da semana passada o *Recreio Fluminense* deu o seu baile e o seu spectaculo dramatico no Paraiso; e posto que a concorrencia fosse pequena, o circulo bailante tirou desforra do tempo consumido nas comedias, dançando a mais não poder, e gozando assim das bellas contradaanças, valsas e schotisches que tocam as duas orquestras que teve o baile.

Na quarta-feira tocou a *Barragem Campestre* e chamou a postos a nossa elegante sociedade, que lá se dirigiu ao Paraiso a gozar mais uma bella noite.

Ainda uma brilhante *soirée* de annos, e mais um chá de despedida, tiveram lugar esta semana. E para que o mez de agosto termine brilhantemente o Sr. Malvasi ahí nos vai dar um concerto no dia 29, composto de escolhidos pedaços de harmonia, o que hade por certo atrahir uma reuniao escolhida de *dilettantes* ao salão do theatro lyrico. Pena é que o grande baile de *Beneficencia franceza* não seja dado ainda neste mez, para que então o agosto fosse aclamado como o primeiro mez do anno — no *bom tom e elegantismo* da sociedade fluminense; porém ao menos, sendo elle no dia 2 de setembro, como que serve de estreia para esse mez, que tambem nos scena esperancoso; muito mais sabendo em já de alguns bailes que hão de haver, da brilhante festa do Socorro em S. Christovão, de um estrondoso sarão por essa occasião, e muitos outros passatempos que nos promette o futuro mez, sem esquecer os festejos que alguns moços preparão em Nietheroy para saudarem o dia da nossa Independencia, — o 7 de setembro, o idolatrado dia de liberdade.

Muito bem! tenho hoje tagarellado como um papagaio. *Que maçada!* Não pensais assim, querida leitora? Pelo sim pelo não, será bom que acabemos aqui. Até domingo que vem.

Francina Oscenia.

26 de ago de 1854.

EXPLICACÃO DO PADRÃO DE BORDADOS.

- N.º 4 e 2. — Bordado de *Soutache*.
 N.º 3. — Tira em bordado brasileiro para vestido de criança.
 N.º 4. — Entremecio em bordado brasileiro.
 N.º 5. — Collarinho do mesmo bordado.
 N.º 6. — Tira em bordado de festão.
 N.º 7. — Canto de lenço em bordado inglez e ponto real.
 N.º 8. — Bordado em seda, de cores matizadas; para forrar charuteira.

- N.º 9. — Mejo de lenço em bordado de festão.
 N.º 10. — Touca em bordado brasileiro.
 N.º 11. — Fundo de touca, no mesmo bordado.
 N.º 12. — Tira em bordado inglez.
 N.º 13. — Camisola de criança.
 N.º 14. — Vestidinho de criança, bordado brasileiro.



Jules David



A ROSA DO SEPULCHRO.

POR D. M. DE O. QUINTANA.

(Continuado do n.º 34.)

III.

O LEQUE DE MARFIM.

Amor! sua vida, alma, e natureza,
amor que elle pensára que a nutria,
e que a dava todo, todo como
se fora o seu melhor dote,...

(B. D. P.)

Dez annos se tem decorrido, depois do que
narrámos no capitulo antecedente.

Estamos no fim de uma bella tarde.

O sol já toca ás portas do occidente, e nuvens
purpurinas o acompanhão nos seus adeosos que
saudosamente envia á terra. Uma incomprehen-
sível tristeza espalha-se pela cidade do Rio de
Janeiro: sobre a cupula de seus altos edefícios
morre melancolicamente a pallida luz do crepú-
culo: apparece já a estrella resportina, e a tris-
teza como que é partilha de todos, á proporção
que desaparece o astro-rei por detrás das altas
e magestosas serras.

Na praia de D. Manoel, um mancebo passeia
lentamente dirigindo de vez em quando olhares
impacientes para a vasija planice das aguas que
serenas se estendem adiante delle.

Seu rosto pallido, moldurado por uma espessa
e longa barba, apresenta um typo de suavidade
que o torna notavelmente sympathico, atractivo
e respeitoso. Sua estatura é esbelta, e seu
andar cheio de nobreza attrahe certamente a
atenção dos curiosos, se os curiosos se lembra-
sem de tranzitar á essa hora pela praia de D.
Manoel.

O nosso mancebo pois, vindo-se só por uma
casualidade, entrega-se todo aos seus pensamen-
tos, e chega mesmo a proferir estas palavras:

— Segredo horrivel! no fundo de minh'alma,
tu, anniquilas o mais doce de suas esperanças!

E depois cruza os braços sobre o peito e en-
trega-se á mercê de seus pensamentos, que, a
serem tão crueis como suas palavras nos reve-
lão, certamente lhe ferem o coração como os far-
pões de impiedosas settas.

Finalmente elle avista um escaler, que acaba
de chegar da Jurujuba, e delle vê saltar dous
mancebos, seus amigos.

Um delles, alto, extremamente magro, de ca-
bellos á *Buridan* e feições de menina ingleza,
trajava uma sobrecasaca verde guarnecida de
botões de tartaruga, collete de seda preta e cal-
ças de brim branco. O outro de cutis rosada, ca-
bellos pretos, pouca barba, e labios nacarados,
vestia rigorosamente de preto.

O primeiro destes mancebos, apenas desem-
barcado, ergueu-se nas pontas dos pés, fez dous
passos do sorongo, e foi, em ar de quem vai

dancar o minnête, apertar a mão daquelle que
os esperava, exclamando:

— O theatro é a escola da civilisação... ami-
gos! ao theatro!... E já que nos achamos aqui
reunidos, eu Telesforo o *florilegio da rhetorica*—
Ricardo o symbolo da melancolia, e Cyrillo que
commigo veio, a sisudez em pessoa; sou pois de
opinião que, eu Telesforo, Ricardo e Cyrillo, ou
por outra, que eu, tu, e... tu... Vathão-me San-
to Antonio, S. José, todos os Santos, e Nossa
Senhora das Neves!... E' Vossa Senhoria, Sra.
D. Rhetorica, acuda a um seu amigo, que fal-
lando de si, diz — eu — designando a Ricardo
diz — tu — e por consequencia não sabe como
falla de Cyrillo, sendo designando-o por — tu —
tambem! De sorte que vem a ficar — eu, tu e
tu! O que é feio, não ha duvida; mas... amigos
dispensem-me da conclusão. A hora vai um pou-
co adiantada e vocês ainda não se cortejarão.

Estes disparates não podião deixar de provo-
car o riso, e os dous ouvintes de Telesforo, com-
quanto que não estivessem muito dispostos para
isso, rirão-se por deferencia; e apertarão-se
mutuamente as mãos.

Estes tres jovens, amigos intimos, tinhão che-
gado de manhã do Rio Grande do Sul, e apenas
desembarcados, separarão-se para visitarem
suas familias, ficando justo de se reunirem á
tarde para irem á noite, ao theatro de S. Pedro
de Alcantara.

Grande novidade entretinha então os amado-
res da scena dramatica. A companhia do theatro
de S. Pedro, representava nessa noite, pela pri-
meira vez, a tragedia — *Antonio José*, ou o Poe-
ta e a Inquisição — do nosso grande philosopho,
e insigne poeta Domingos José Gonçalves de Ma-
galhães. E o papel do protagonista era desempe-
nhado pelo inimitavel João Caetano dos Santos.
Chegavão pois os tres amigos em optima occa-
sião.

Oito horas acabão de soar.

Ricardo, Cyrillo e Telesforo achão-se sentados
nas cadeiras do theatro.

Os dous primeiros estão pensativos; e Teles-
foro procura fazer um discurso ácerca do illu-
minador que anda veloz pelo corrimão dos cama-
rotos da quarta ordem a accender os globos de
vidro.

Dez minutos depois, a orchestra rompe em uma
grande ouvertura, e o theatro está completa-
mente cheio.

Telesforo, sempre prompto a proferir discurs-
sos, depois de fallar do illuminador, observa aos
seus amigos que todos os camarotes estão cheios
á excepção de um da segunda ordem que ainda
existe fechado.

— E' singular, meus amigos, disse elle. E'
singular, muito singular! E ninguem me tira da
cabeça, que aquillo não seja singular, muito sin-

gular! Seuão, vêde em como a rhetorica nos ensina— que a singularidade...

— Não é preciso, não é preciso! apressou-se em interrompê-lo Cyrillo receioso da sua rhetorica. Ora, vê? já está aberto, e por consequencia, é desnecessario agora.... oh! que linda joven appareceu!

— E' a bella Ethelvina, disse um dos espectadores ainda moço, que ficava a direita de Ricardo. E' a filha do Sr. Jatahy, barão da Curupira.

— Ah!! exclamou Ricardo, estremeçando, agitado, por uma rapida emoção.

— E' ella, não é assim? Disse-lhe Cyrillo ao ouvido.

— Curupira!? murmurou Telesforo. Santa Maria! que nome! Pois Curupira...!

— Não sabeis, senhor? perguntou o tal espectador. Curupira é o nome de uma terra que ha na Guaratiba, entre o Pontal, e proxima a serra da Prahna do Meio.

— Ora, que me importa! Tambem eu não lhe perguntei por isso. Mas.... Oh! Quem é aquelle figurão sem nariz, e com feições de *quaty mon-dão*, que acaba de sentar-se ao lado da bella joven?...

— Desta vez perguntaes? interrogou o mesmo espectador.

— Ora, que me importa! Tambem, eu não sei se vos pergunto.

— Perguntaes, e eu vos digo que aquelle figurão sem nariz, é o seu futuro esposo o commendador Emydio.

— A este nome, Ricardo voltou-se rapido para o camarote e murmurou a meia voz, cobrindo-se de mortal pallidez:

— Elle! sempre elle!...

— Novidade! novidade! disse Telesforo. A linda joven dirige para cá o oculo! oh! dá-se acaso que esteja gostando de me ver?...

— Qual! não é ao senhor, é...

— Ora, que me importa!

— E' ao seu amigo. Mas, oh! meu Deus! Como elle está pallido!

— Silencio!.... scio!.... Bradarão algumas vozes.

Nesse momento o pano subiu, e o espectáculo principiou.

Talvez que, algum leitor mais escrupuloso, se lembrasse de perguntar-nos, d'onde nos veio a ousadia de apresentarmos revestido da dignidade de barão, ao Sr. Jatahy, que no principio desta narração o vimos habitando uma pobre casinha de sapé, e entre gente que certamente não foi tallhada para as alcáfitas e para as carruagens de brazões?

Leitor, a resposta é facil. Se fosse preciso para alcançar-se um desses titulos que formão a fraze a que se chaama nobreza, que todos os candidatos apresentassem documentos de suas virtudes, de seu talento, ou de seus valiosos servicos em prol da patria, o negocio seria difficil, mas neste caso deu-se a estabelecida excepção: o Sr. Jatahy comprou o seu titulo.

Mas, outra duvida. Doude houve elle esse dinheiro?...

Lembraí-vos, leitor, do Sr. Antonio dos Tremoços? Pois o Sr. Antonio dos Tremoços, achou um seu patriço que lhe deu a mão, e associou a si o seu amigo Jatahy. Enriquecerão-se pois, graças ao miseravel crime do trafico da escravidão! E assim, um é hoje o Barão da Curupira, e o outro, o Visconde das Pereiras!

Como dissenos, o espectáculo principiou.

Ethelvina, nos seus vinte e quatro annos, era ainda a mesma joven de quinze que no capitulo primeiro apresentámos ao leitor. Somente sua tez se tornára mais pallida, seu olhar mais languido, e sua estatura mais desenvolvida.

Inclinada sobre a balastrada do seu camarote para notar a multidão da platéa, parecia um lyrio pendido sobre as torrentes de um ribeiro.

O riso morrerá-lhe nos labios, ou então, se ainda existia, era como uma flor condemnada pelo destino a morrer apenas desabrochasse.

Esses expressivos, suaves, e negros olhos, privilegio das jovens brasileiras, e de uma doura a causar inveja ás Miss, ás Senhoritas, ás *Madelmoiselles*, e ás *Signoras*, revestidos agora de uma profunda melancolia, volvião-se vagarosos em suas orbitas, e parecião antes amar de preferencia, as humildes florinhas das campinas, do que as douradas nuvens do firmamento.

(Continúa.)

POESIA.

Dos bosques erão cahidas
As suas folhas mimosas;
Nuas, tristonhas estayão
As sapucaias frondosas.

Era d'outono o reinado
Que ás folhas declara guerra;
Com ellas tinha juncado
A superficie da terra.

Dos bosques tinham fugido
Os seus tristonhos mysterios;
Não exercião as aves
Seus sublimes ministerios.

Neste tempo, que o silencio
Em seu rigor afanava,
Pelos bosques desfolhados
Um mancebo divagava.

No rosto a boca tristeza
Signaes indelaveis tinha
De quem vive moribundo,
Que na aurora se desluzia.

Uma vez sequer ao menos
Percorrer elle queria
Estes tristonhos logares
De sua antiga alegria.

Estes bosques, que tão caros
Lhe forão na mocidade,
Que os pryncos lhe recordavão
De sua mais tenra idade.

A lentos, pesados passos,
Mal firmados pela dor,
Ia soltando suspiros
Desse peito soffredor.

Despedir-se elle queria
De seus bosques amorosos;
Erão seus ternos adenses
Adeuses os mais saudosos.

Bosques, que eu amo, recebão
O meu derradeiro adeus:
Eu succumbo, e vosso estado
Predizem destinos meus.

A queda da menor folha
Eu comparo á minha sorte;
Na queda de cada folha
Vejo um presagio de morte.

Oraculo fatal me diz:

« Tens olhos inda verão
« As folhas se aurificarem,
« Mas breve se fecharão.

« O verde-negro cypreste,
« Que tu vês e te rodeia,
« Em breve ornará teu leito
« Nessa morada tão feia.

« Para o tumulo te encaminhas,
« Tão descorado qual morte;
« Morreu tua mocidade,
« Negro cypreste é teu norte.

« E' curta tua existencia,
« Qual a da herba do prado;
« E' mais curta que a do Pampano
« Do outeiro separado.

Vejo vir a morte minha
Pelo Aurota hafejada,
Fria e terrivel qual ella,
Porém qual ella esperada.

Annuncia a vinda sua
Nuvem negra aterradora;
Annuncia a morte minha
Molestia consumidora.

Foi um sonho que passou
Minha curta mocidade;
Vi correr a minha infancia
Qual ligeira tempestade.

Cabe a folha que um só dia
Tem marcado o viver teu;
Porém o chão que occupares
Occulta sepulcro meu.

Veda aos olhos de una mãe
Este caminho terrivel;
Occulta a seu desespero
Amargo pranto infallivel.

Na mansão serena e fria,
Na solitaria morada,
Se vires a minha bella
Vir chorosa e desgrenhada;

Por teu ruido desperta
Minha sombra sepultada,
E seja sequer na campa
Um momento consolada!

E' elle diz, e logo parte
Para ali não mais voltar;
Porém marca sua vida
Um pequeno estrepitar.

Derradeira ultima folha,
Do arvoredor cabida,
Assignal-a, marca o termo
De sua cançada vida!!

Sepultado nesse bosque
Jaz o mancebo infeliz;
Não foi vel-o sua bella,
Chorar na campa não quiz.

Interrompe esse silencio,
Do sepulcro companheiro,
Pastor que no Prado erra,
Que ali entrou primeiro.

Pastor que tudo ignoras,
Não turves com os passos teus
Esse silencio dos mortos,
Silencio dos mausoléos...

(Trad. de Mellevoje.)

Por Ayres da Serra de Souto Maior.

MULHERES CELEBRES.

(Continuado do n. 34.)

G

GABRIELLA DE BOURBON, filha de Luiz de Bourbon, conde de Montpensier, morreu em 1516. Era summamente espirituosa, e de um talento não vulgar. Escreveu: *Instruções das donzelas*; *Templo do Espirito Santo*; *Viagem de uma devota e contemplação sobre os mysterios da encarnação e paixão de Jesus Christo*, e outras obras mysticas que ficaram em manuscrito.

GABRIELLA EMILIA LE TONNELIER DE BRETEUIL, marquesa do Châtelet, nasceu em 1706, morreu em 1740. Educada no seculo XVIII e entre os grandes genios que então glorificavão a França, adquiriu Gabriella vastissimos conhecimentos não só das mathematicas e philosophia, como tambem da linguistica, principalmente o patrio idioma que ella fallava e escrevia com a maior perfeição possível. Apesar de ser má poetisa, era comtudo excellente critica, e, como diz Voltaire: « Os encantos da poesia erão por ella apreciados, e seu ouvido em extremo sensivel á harmonia não podia soffrer versos me- « diocres. » Seu caracter é digno de ser estudado; nelle descobre-se uma mulher nunca enfa- tuada pelo seu saber, um ente que só fallava a linguagem da sabedoria diante das pessoas que a podião instruir, e com as quaes desenvolvia as mais interessantes questões e as demonstrações as mais difficéis; entretanto, entregue ao amor, ou ao jogo, abandonava uma discussão philoso- phica em meio para jogar uma partida, ou receber algum dos seus amantes, em cujo numero entrou Voltaire. Docil e raiosa, comparou-a a Sra. de Tenein á uma gata que a um tempo acari- nha e arranha. Escreveu: *Instituições phy- sicas*, ou explicação da philosophia de Leibnitz, offerecida a seu filho de quem era professora de geometria. Traduziu e commentou os *Principios de Newton*, e finalmente pertence-lhe o grande *Tratado sobre a felicidade*, que Condorcet tanto

elogia dizendo: « E' a unica obra talvez dessa « qualidade, que tem sido escripta sem pre- « tenção e com inteira franqueza. »

GALLA PLACIDA AUGUSTA, imperatriz, filha de Theodosio-o-Grande; nasceu em Constanti- noplá no anno de 388 pouco mais ou menos. Duas vezes foi escrava e outras tantas esposa dos illustres principes: Ataulfo, cunhado do rei dos Visigodos, e Constancio, general de Honorio. Conseguiu elevar ao throno seu filho Valenciano, em nome do qual reinou trinta e cinco annos. Morreu em Roma em 450.

GARDEL (Sra.), insigne dançarina, mulher de Paulo Gardel, choreographo francez e director dos bailes da Opera; nasceu em Auxonne (Bor- gonha) em 1770, morreu em 1855.

GASPARDA STAMPA, poetisa, celebre pelo seu amor por Colalto de Treviso; nasceu em Padua em 1523, morreu em 1554. Escreveu: *Poesias*.

GENEBRIA, escriptora de algum merecimento: deixou muitas *epistolas*.

GEMINA, illustre philosopha. Escreveu: um *Tratado philosophico*.

GERALDA CASSINEL, filha de um dos cama- ristas de Carlos VI, e dama de honra da rainha Isabel de Baviera. — Seu talento, sua formosura e a vivacidade do seu espirito, atrahirão-lhe não só a amizade de todos que a conheçião, como tambem o amor do rei. Juvénal des Ursins diz em uma de suas chronicas: « Le roi et son « filz, après qu'ils eurent été à Nostre-Dame, « en 1414, pour faire leurs offrandes et dévo- « tions, partirent de Paris, et estoit le dauphin « bien joli, et avoit un bel estendart tout battu « d'or, où avoit un h, un cigne et un l. La cause « estoit pour ce qu'il y avoit une damoiselle « moult belle qu'on nommoit la Cassignelle, de « laquelle on disoit le dauphin amoureux, et « pour ce portoit-il le dit mol. » O que prova quanto é antiga a idéa dos *enigmas pittorescos*.

(Continua.)

A FELICIDADE.

(IMITAÇÃO DO HESPAÑHOL.)

Um homem muito rico, padecia uma molestia que os medicos julgávão mortal, e a quem aconselharão (segundo o fanatismo d'aquella época) que só vestindo a camisa de um homem que se considerasse feliz, poderia salvar a existencia. Mandou immediatamente doente os seus famulos, que percorrendo os estados de differen- tes nações, achassem a tal camisa que o poderia salvar.

Encontrarão nesta viagem:

O imperador que não estava satisfeito com os seus amores.

O rei que não estava com os ministros.

Os ministros que o não estavam com os secre- tarios do estado.

Os agiotas que o não estavam com o agio.

Os lavradores com a colheita.

Os commerciantes com a demora dos seus na- vios.

Os operarios com a falta de trabalho.

Os actores com as pateadas, e com a falta das enchenetas.

Os militares com a falta do soldo.

Os empregados com o ordenado pequeno.

Os padres com a esmola das missas.

Etc., etc., etc.

Porém, chegando a um campo, nos cantões da Suíça, achou um pobre homem, que pelos andrajões demonstrava a sua miséria, que ao sominho, cantava, ria e folgava, como o poderia fazer o homem mais opulento.

Chegarão-se a elle, e perguntarão-lhe, se elle se julgava feliz, pois o vião tão alegre e satisfaci-

to que não parecia ser o que inculcava pela apparencia da sua miséria.

Elle respondeu-lhe:

— A terra e o ar ministrão-me a comida e a bebida: sou livre e independente, porque não conheço superiores senão aquelle que lá está em cima, por isso acho-me no mundo o homem mais feliz.

Lançarão-se sobre elle e o despirão dos seus trapos para tirarem-lhe o que ha tanto tempo andavao procurando.

Infortunadamente o unico ente feliz na terra, não tinha camisa!!!

CORREIO DOS SALÕES.

Muito, bem, minhas leitoras: parece-me que desde que se inventarão os mezes, ainda não houve um tão cheio de festas e distrações, de casos serios e intrincados, de ridiculos e grotescos, como o mez, que está quasi acabando.

E de certo assim deve ser. Pois Deus havia collocar nos neste valle de lagrimas, neste mundo de contradicções, para contentarmo-nos com o que hogvesse? Certamente que não. Elle, que em sua sabedoria nos collocou entre as lagrimas, foi para que buscássemos os risos; elle que nos deu esta vida tão enfadonha e atribulada, foi para que achássemos ou inventássemos as festas e os divertimentos. Pois acreditaes que o mundo poderia subsistir como é formado, unicamente habitado pelos discipulos de Heraclito, o qual chorava constantemente as misérias humanas, ou exclusivamente pelos sectarios de Democrito, que não perdia occasião de rir-se das loucuras dos homens? Para que nos daria o espirito, que, como ninguém desconhece, tende sempre ao incognito e mysterioso, como o vôo das aves tende sempre ao espaço?

Ah! não é possível. Não teria então creado o paraizo; não creára tambem a arvore prohibida, e sobretudo não formára a mulher. Porque a mulher representa a idéa do bello, uma das condições mais lindas da natureza; e a idéa do bello está na variedade das cousas, das vistas, das harmonias, e não na monotonia das mesmas cousas sempre iguaes, sempre repetidas. Se fosse assim, deixaria o homem entregue á sua solidão, á sua tristeza, á suas lagrimas; não lhe dera a companheira de seu destino, a alegria de suas decepções, o consolo de suas amarguras, o encanto de sua existencia. Pois se o homem podesse viver bem, só com a metade de sua alma, de certo Elle lhe não reconheceria a necessidade de completa-la com o seu lado mais bello. Seria o mesmo que se Raphael houvesse pintado um lindo quadro e deixasse-lhe a metade em branco! Seria mesmo uma blasphemia suppor Deus — typo da unica perfeição — capaz de deixar incompleta sua obra.

O que Elle apenas quiz deixar vendado no mysterio, fel-o por propria perfeição; porque

nós achamos mais belleza n'uma paizagem que nos deixa adiyinhar entre as sombras de um bosque o vulto branco e feiticeiro de uma fantastica figura, do que se nol-o deixasse descobrir ao vivo. E a razão é simples. Porque tudo o que é mysterioso tem mais encanto do que o que se mostra a descoberto; porque a verdadeira poesia é segredeira como uma sybilla e ama extremadamente a seducção do encoberto e do occulto.

Eu, por mim confesso, antes quero que uma leve sombra, que um vulto desmaiado e subtil, uma prega feiticeira e enrugada, me deixe adiyinhar uma belleza escondida, do que se m'a mostrassem desceremoniosamente.

Mas não é essa a questão. O facto é que este mez ha de deixar recordações muito vivas e saudosas, e que muita gente bonita está de antemão desfolhando flores de laranja para matizar-lhe o esquite em que tem de dormir o somno — do nunca mais voltar! E a proposito de flores de laranja: foi o mez, por excellencia, dos casamentos, e portanto dos bailes.

A Nossa Senhora da Gloria parece-me que teve muita promessa este anno... Só Deus, mais o thesoureiro da irmandade, sabem quanta velinha enfeitada foi depositada aos pés da Santa; quanto ramo de flor foi ornar o seu altar. E o mais é que tenho cá para mim, que todas ellas foram milagrosamente compensadas como cuidadosamente cumpridas. A sua festa esteve concorrida, como sempre; os fogos de artificio estabelecerão por todos os cantos da cidade; as musicas estrondarão de todos os lados; e á certa hora, que foi marcada pelas palpitações anciãdas de muitos corações, abrirão-se as portas magicas de um palacio de encantamento, e as salas moverão-se na tergiversação de um grande baile!

Descrever o que houve, seria enfadonho; porque bem poucos deixarão de lá estar. Contar todas as cousinhas bonitas que ouvi ás furtadelas, seria indiscreção. E pintar o que vi, seria atrevimento; porque o que houve não se pinta, recorda-se apenas nos fantasticos sonhos, nessa madbrna languida e quebrada que costuma preceder o somno, quando a imaginação devaneia. O nome das pessoas que tiverão a feliz lem-

brança que já vai tomando o carácter de habito, são muito conhecidos, e o do baile ainda mais: é o baile da Gloria!

Voltando aos casamentos. Foi uma especie de delirio, de loucura, de febre amarella; e que se eu soubesse d'onde veio, ainda que fosse da Inglaterra, faria um tratado de paz com essa nação, e, se pudesse, promptava uma esquadra destinada a ir buscar em seu foco essa peste encantadora que sabe disfarçar-se em modesta appareição coberta de um véo e de um vestido branco, e recendendo os aromas embriagadores das laranjeiras da Persia. Veio produzir uma quasi revolução; bolir com as disposições de nossos codigos civis, e logo em tempo de reformas, veio trazer uma inversão completa, até nos antigos adogios que tinham direito, por suas antiguidades, a socegada aposentadoria de seu cetero descanço.

Fallo deste modo, porque não sei se ha alguma disposição no nosso codigo que marque penas aos raptos.... engatto-me, ás raptoras dos filhos-familias. Já não serve dizer-se; como em outro tempo, — *só me casarei se for tirado por justiça.* Já o moço solteiro não tem as garantias de seu estado de liberdade; não pôde mais contar com o futuro. Alguns velhos pais couhego em que andão afflicto com o tal successo deste mez; e andão attribulados e esbaforidos da casa de seus advogados á câmara dos representantes da nação. E

só a mim não se lembrão de raptar...! Emfim direi como muita gente que conheço — que isto de casamento e dinheiro é destino!

Fatal destino que fecha os olhos, e vai correndo e levando os que encontra pelo meio da estrada; ao passo que eu e muitos firmamos na beira do caminho a dar com os lengos, acenar com os chapéus, e assoviado... constantemente.

E o mais é que foi uma felicidade não se ter inventado os trilhos de ferro e as locomotivas quando se formou o destino; por que, sendo o seu fado caminhar sem parar, é claro que não teria tempo para fazer-se-lhe uma a propósito.

Emfim, minhas leitoras, não fiqueis atristadas com a chegada proxima da hora final do mez, o de setembro não tarda, e eu vos asseguro que virá como este, radiante de alegria e cheio de esperanças. E se quereis convencer-vos, como eu, entrái, quando passardes pela rua do Ouvidor em casa de M.^{mo} Dubois por exemplo, e não podereis caminhar no meio de tantos ramos que se preparão. As casas dos confeiteiros, nem fallemos, é o chaos primitivo com toda a sua confusão. M.^{mo} Hortense é muito natural que mande buscar uma colonia para dar sabida a tanto enchoval que tem de preparar. E por emquanto contentai-vos em ir ouvir M.^{mo} Charton que tem estado sublime, até á idealidade!

Bejamin,

CHARADAS.



Onde ha centenas ha cem; 1
 Onde ha vinte e cinco ha prima; 1
 Que sem corte, os pés p'ra cima, 1
 Meia duzia em cinco a tem. 1
 Essa mesnia, que ora vem
 De soffrer breve mudança
 Que na meia duzia a lança, 1
 Existe onde houver cincoenta, 1
 E tambem onde sessenta; 1
 Mas por fim nada se alcança. 1

De Marte ao filho, ao viajor activo,
 Bastante sirvo, qual prestante amigo;
 Este approximo á desejada méta,
 Desvio aquelle de fatal perigo.

D'immensa vastidão, de peso enorme,
 Eu desço ás cavas da montanha ingente:
 Se em gratas regiões conservo a vida,
 Tambem a sei roubar na Libia ardente. 1

Sentado á sombra da palmeira triste
 Que á misera Carthago esconde o pejo,
 Qual ella outr'ora foi medito e choro,
 Qual eu outr'ora fui e qual me vejo! 3

D'ali te arrancão, miserando Ibero,
 Assassinos heroes que aponta a historia,
 Lá quando o Luso te destina á morte,
 E do quarto João canta a victoria!

(Pela Ex.^{ma} Sra. Dona I. A. S. C.)

CORRIGENDA.

Na continuação do romance publicado no numero antecedente, pag. 268, ls. 15, onde diz: — sempre contente! leia-se: — sempre constante!

Acompanha este n.º 55 um padrão de bordados.